

LOPEZ YBOR, J. J. *Lecciones de Psicología Médica*,  
Montalvo, Madri, Editorial Paz, 1964.

Conforme sugere o título, êste livro foi estruturado através dos apontamentos tomados em aula diretamente do professor e ilustre médico Dr. LOPEZ YBOR.

Consta de dois volumes, que apresentam a parte da psicologia que mais interessa aos médicos. O autor não considera a Psicologia Médica como uma disciplina *per se*, mas como um setor que seleciona os assuntos psicológicos que podem interessar aos médicos. Segundo essa orientação, aborda no primeiro volume os seguintes temas: instintos, sentimentos, temperamento, caráter, psicanálise, patologia psicossomática e o problema corpo-alma.

A exposição de todos êsses temas é feita em estilo direto e simples, e ao mesmo tempo vigoroso, profundo e muito expressivo, ilustrado com numerosos exemplos.

Chamamos a atenção do leitor para o capítulo dos sentimentos e o estudo comparativo e diferencial que o Dr. LOPEZ YBOR faz entre sentimento e paixão, sensação e sentimento, afeto e emoção, assim como o subcapítulo referente a sentimentos vitais e cinestesia.

Na exposição que dedicou a sentimentos sensoriais é de notar o profundo estudo relativo à dor, quer como expressão de uma situação, quer como tema filosófico.

Na explanação dos sentimentos vitais destaca-se a análise da angústia, e a diferença que estabelece entre angústia e ansiedade, assim como o estudo sôbre a angústia perante a morte.

São muito esclarecedoras, por representarem o ponto de vista dêsse grande professor, as aulas referentes a Psicanálise, Psicoterapia e Medicina Psicossomática e, de maneira muito especial, a aula relativa a correlações psicossomáticas.

O volume II dedica as seis primeiras lições ao estudo das correntes psicológicas e sua relação com a Medicina. O leitor poderá ter, assim, um conhecimento bastante objetivo sôbre as diferentes idéias filosóficas e psicológicas que influíram no pensamento médico atual.

São particularmente vívidas as lições relativas a saúde e doença. Essas aulas foram dadas com apresentação simultânea de doentes, e, dêsse modo, cada tema se torna mais claro e menos árido. Constam, na íntegra, parte dos diálogos entre o catedrático e o doente.

Na sua metafísica da doença, LOPEZ YBOR aponta as direções da medicina atual, mostrando-se cauteloso em relação a seu progresso, o qual embora considere muito intenso, acha que não pode ser indefinido, "salvam-se muitas vidas mas tôdas se perdem".

Sente a Medicina, a cada dia que passa, mais social e mais técnica; para compensar o doente dessa falta de contato humano com a figura do médico surge a terceira direção: a psicologização da Medicina, que visa conhecer o enfêrmo como ente psicológico, em definitivo como ente pessoal.

Discorre sôbre as duas atitudes fundamentais do homem perante a doença: entregando-se a ela, ou fazendo dela fonte de sentimentos nobres e elevados. O homem é uma estrutura aberta, donde o postulado de sua transcendência. Na doença, revela-se com peculiar plasticidade o caráter

aberto da existência humana. É por isso que a doença não pode ter sentido sem apêlo às categorias da liberdade e da transcendência.

A doença supõe uma redução de autonomias biológicas do homem, permanecendo intata a liberdade para tomar uma atitude em relação a ela, e essa possibilidade demonstra a existência do espírito.

Discorre ainda sôbre o sentido da doença que para LOPEZ YBOR é como um trasunto ou imagem da própria morte.

Fala também da morte, e estabelece comparações entre ela e a crise aguda de angústia.

Termina o seu livro com um interessante e muito original estudo sôbre a personalidade do médico e a vocação como decisão. Não considera a chamada profissional como um problema de aptidão e, sim, de personalidade. Admite que a Medicina é pluridimensional, e que, por isso mesmo, consegue absorver fórmulas pessoais variadíssimas. Salienta, entretanto, que unicamente uma grande maturidade pessoal poderá levar o indivíduo a ser um grande médico. A técnica médica nos imaturos, diz êle, pode ser perigosa.

Aponta como grande solução para os jovens que aspirem ser médicos, orientar a personalidade, durante o curso, de forma a propiciar seu desenvolvimento e maturidade pessoal, mostrando-lhes simultaneamente as grandes possibilidades que a Medicina lhes oferece.

Deseja, enfim, que os estudantes não pensem na "vocação" para a Medicina como uma "chamada", mas como uma "decisão que surge do âmago do seu próprio ser mais do que da esfera intelectualiva". O mais profundo do médico é sentir-se responsável, sem sê-lo, da dor e do sofrimento dos doentes. É justamente essa participação sagrada na vida dos outros que o faz transcender e elevar-se.